

Antônio Bubach Corrêa

1) Consegui minha vaga através de um edital do IFES, que uma amiga me encaminhou. O processo era o seguinte: o Instituto Politécnico de Bragança (IPB) disponibilizou 20 vagas para alunos que estavam concluindo seus estudos no IFES. Essas 20 vagas foram distribuídas em 10 cursos, tendo 2 vagas para cada curso. Podíamos escolher 2 dentre as 10 opções, indicando a primeira e segunda por ordem de precedência, parecido com o sistema de escolhas do SISU. Os requisitos (ambos de caráter eliminatório) eram: estar cursando e concluindo o último ano letivo do curso no IFES (no meu caso, fui formando no ano letivo de 2020), ter nota mínima de 600 no ENEM em algum dos 3 últimos exames (no caso, 2018, 2019 ou 2020), dentre alguns outros requisitos que dependem desses anteriores.

O processo no qual fui selecionado não contempla nenhuma bolsa, nenhum auxílio nem nada do gênero, apenas a vaga em si.

Todo o processo de obtenção do Visto e os outros documentos necessários foram de minha responsabilidade, o único passo em que o IPB interveio foi na emissão da Carta de Aceite.

A obtenção do visto é um tanto quanto complexa, porque vários dos itens necessários não são claramente explicados, e a VFS Global (empresa responsável pela emissão dos vistos) não é lá muito acessível em termos de contato, é bem complicado tirar dúvidas com eles.

Um ponto que acho importante salientar é que, devido à pandemia decorrente da COVID 19, todo o processo do visto foi feito à distância. Isso implicou em não ter uma entrevista como de costume, todos os meus documentos foram enviados impressos pelos Correios. E não havia uma alternativa, como enviar por email ou algo do gênero.

Com o visto, passagem e todos os outros documentos necessários para poder entrar na Europa como estudante em mãos, chegou a hora de partir.

Viajei com minha amiga (que até então era apenas uma conhecida) e, antes de irmos para Bragança (nosso destino), passamos pouco mais de uma semana em Madrid, que inclusive é incrível e não vejo a hora de visitar novamente! Inicialmente o mais difícil foi se adaptar ao clima quente do verão, ao fuso horário e ao horário do pôr do sol (que em Madri era por volta de 21:40).

Outra coisa um tanto quanto complicada foi a língua. Tanto em Lisboa, onde tivemos nossa entrada no espaço Schengen, quanto em Madrid. No começo foi mais fácil conversar em inglês com os portugueses do que em português, fato me preocupou um pouco. Em Madri também foi mais fácil nos comunicarmos em inglês, por termos mais familiaridade em relação ao espanhol.

Chegando em Bragança nossa principal preocupação era conseguir algum apartamento ou casa para alugarmos. Eu e minha amiga procuramos pela internet desde maio (quando decidimos que iríamos morar juntos para dividir e, portanto, diminuir os custos de ambos), e não encontramos nada viável. Nossa primeira semana foi em uma pousada no estilo hostel, e todos os dias procuramos apartamentos enquanto andávamos pela cidade. Até que, 2 dias antes de acabar a nossa estadia, encontrei no Facebook um apartamento muito bem localizado, aconchegante e acessível para cadeira de rodas (que inclusive é um problema que comentarei em breve). Marcamos uma visita e, por termos gostado bastante, mas principalmente por não ter outras opções, fechamos um contrato e o alugamos.

Passada a questão da acomodação, foi a vez de solicitar e obter alguns documentos daqui, como o NIF (Número de Identificação Fiscal), o número de Utente (que podemos, como exemplo, relacionar ao número do SUS), o NISS (Número de Identificação de Segurança Social) e agora o Cartão de Residente (que basicamente funciona como a nossa carteira de identidade). Todos esses documentos são de total responsabilidade de nós mesmos, e ressalto que é bem complicado conseguir informação com os órgãos responsáveis. Apesar disso, os imigrantes que já estão aqui estão sempre dispostos a ajudar.

3) Um dos aspectos que mais facilitou, mas que também é um dos que me causaram estranhamento foi a língua. O português daqui, ao mesmo tempo que facilita bastante por ser “a base” do português que falamos no Brasil, às vezes chega a ser muito diferente, principalmente em alguns sotaques (e às vezes os portugueses falam muito rápido hahaha). Algumas expressões e nomes de algumas coisas são diferentes de como falamos no Brasil (por exemplo, “caneta” aqui é “esferográfica”) e em alguns momentos isso acaba sendo um problema. Algumas vezes já preferi conversar em inglês com alguns portugueses por simplesmente não entender o que eles estavam falando em português hahaha. E ah, aqui eles dizem que nós falamos “Brasileiro” e não “Português”.

Conhecendo algumas cidades aqui percebi que alguns dos costumes que temos no Brasil vêm dos portugueses, mas também percebi que em algumas regiões do Brasil, por exemplo em Santa Teresa, temos muito mais influência dos italianos, e isso ficou claro para mim quando conversei com um colega (português, mas que tem familiares italianos) e ele mesmo disse que vários dos nossos costumes são muito parecidos com os costumes da parte italiana de sua família. Ele até ficou chocado, pois não sabia que os italianos tinham tanta influência na nossa cultura, inclusive acreditava que os portugueses tinham mais.

Como eu disse anteriormente, aqui em Portugal temos uma comunidade muito grande de brasileiros, o que acaba causando o efeito de nós afetarmos a cultura deles, muitas vezes mesclando uma à outra. E isso também colabora com a sensação de “estar em casa”, no sentido de não ter um choque cultural.

4) Estou adorando o curso cada vez mais e, conforme vou fazendo trabalhos e até alguns projetos extracurriculares, sinto que essa é uma área que realmente gosto.

Sinto que estudar no IFES colaborou muito em diversos aspectos da minha vida estudantil, desde o ritmo de estudos puxado (muitas vezes tendo 8 aulas por dia haha) ao desenvolvimento de uma certa sensibilidade que adquirimos nas aulas práticas das disciplinas, o tal do “botar a mão na massa”. Sendo bem sincero, às vezes sinto que o ensino no IFES chega a ser superior ao ensino daqui em alguns aspectos, como na frequência em que temos um contato direto com o objeto das disciplinas. O que não torna ruim estudar aqui, talvez seja apenas um sentimento saudosista.

O que mais gosto em estudar aqui é o fato de estar frequentemente em contato com vários laboratórios e projetos de diversas áreas. Inclusive, um dos destaques é o forte incentivo à pesquisa (ou “investigação”, como chamamos aqui).

5) Estou simplesmente amando essa experiência, às vezes chega a ser surreal!

O que ainda me deixa deslumbrado é o contato constante com as pessoas das mais diversas culturas.

Na Europa há o programa Erasmus+, abreviação do nome em inglês, European Region Action Scheme for the Mobility of University Students (Plano de Ação da Comunidade Europeia para a Mobilidade de Estudantes Universitários), que, explicando de forma breve, é um programa de mobilidade entre faculdades europeias. Se não me engano, também há esse programa para alunos do ensino médio (ou “ensino secundário”, como chamam aqui). O programa é muito forte e há um grande incentivo por parte das faculdades (inclusive há uma bolsa para os estudantes que participam, variando entre os países de destino) e, por isso, há muitos alunos de outros países aqui, o que resulta numa imensa interação entre pessoas e culturas.

E, como comentei anteriormente, um dos destaques da faculdade onde estou estudando é o incentivo à pesquisa. O incentivo e o destaque são tão grandes que há doutorandos de universidades grandes como a Universidade de Salamanca, Madrid, Porto, entre outras, que vêm para cá com o intuito de fazerem sua pesquisa nos nossos laboratórios. Acredito que estar num lugar que me proporciona isso tem uma grande importância na minha vida estudantil e social, e que também terá na minha vida profissional.

E claro que não posso deixar de fora as outras experiências incríveis que venho tendo, com as pessoas que estou me conectando, com os lugares que estou conhecendo e até mesmo com as culinárias que venho experimentando hahaha.

Um entre vários pontos fortes de estar aqui é a facilidade em viajar, vários lugares incríveis são próximos e acaba sendo (várias vezes) bem barato ir de uma cidade para outra ou até mesmo de um país para outro. Por exemplo, ir (e voltar) de avião para Londres fica em torno de 80€ (cerca de R\$450), estou a cerca de 3 horas, de carro, de Madrid, passar um final de semana em Paris fica mais barato do que passar um final de semana no Rio de Janeiro... Como se já não bastassem todas as outras coisas, isso definitivamente faz valer a pena!

















